

Dauster diz que os juros foram pagos

PAULO FRANCIS

NOVA YORK — Jório Dauster, embaixador especial para a Dívida Externa, que é respeitado pelos banqueiros internacionais, contesta a notícia dada no **Estado** dia 29, de que não foram pagos os quase US\$ 500 milhões relativos, um porcentual, do primeiro trimestre dos juros da dívida externa brasileira, para o primeiro trimestre de 1991. Diz que foram pagos. O banqueiro, informante do **Estado**, diz que não, mas sem fazer disso cavalo de batalha, porque acrescentou que o pagamento está acertado, apenas não concluído.

Dauster contesta também que já tenha havido a segunda degradação do crédito brasileiro, pela Icerc, agência federal dos Estados Unidos encarregada de fiscalizar os riscos (exposure) dos bancos americanos no Exterior. E ainda não apareceu em jornal. Mas se sabe, no meio dos banqueiros, que está pronta, na gaveta, e que será dada a público. Eles não gostam disso, porque os obrigará a imobilizar mais 20% do total devido pelo Brasil, como garantia para seus acionistas. O banqueiro que conversou com o **Estado** disse que isso elevaria a reserva contra o Brasil a 50% do devido pelo nosso País. Dauster diz que é só 40%. Talvez. Fica o registro. Mas 50% ou 40% representam um prejuízo brutal para os bancos, já em maus lençóis com seus investimentos em imóveis nos EUA (até o poderoso Citibank pensa em atrair capital de fora,

em ações nominais, e demitiu 8 mil).

Dauster diz que os títulos que vão ser lançados no mercado, cobrindo o restante dos juros atrasados, equivalem a dinheiro novo. Isto é, se forem arrecadados por compradores aos preços sugeridos. Dada a má reputação creditícia do Brasil é improvável que o próprio protagonista de **O jogador**, de Dostoiévski, se interesse por esses papéis.

Jório Dauster tem a missão ingrata de negociar uma posição irrealista em face da comunidade financeira mundial. Acrescenta que o compulsório dos pontos 3 e 4, interbancário e export-import, só deixará de sê-lo a partir de 30 de abril, e não em abril, como noticiado pelo **Estado**. O jornalista colheu essa notícia do **The Economist**, de um texto-legenda com a foto de Zélia com ar sensual, e confirmou com um banqueiro americano que seria a partir de abril. Mas fica o reparo. Dauster acha que o compulsório estava desvirtuado, era usado só em transações que interessavam aos banqueiros americanos, e que o voluntário nos dá chance de conseguir mais dinheiro de outras fontes. Teoricamente, isso é correto, mas depende, claro, do prestígio creditício do Brasil no Exterior.

Dauster confirma que não há prazo para conclusão do acordo entre banqueiros e o Brasil, que nos permitirá tentar um acerto do Fundo Monetário Internacional (FMI). Mas acha que, mesmo do jeito que está sendo negociado o acordo, ele nos trará de volta a comunidade financeira internacional. É a verificar.